

Melhorando e apoiando práticas de qualidade em Educação de Infância na Guiné-Bissau

Gabriela Portugal e Ana Paula Azeiteira
Departamento de Ciências da Educação
Universidade de Aveiro

«Melhorar a Educação de Infância na Guiné-Bissau» é um Projecto de Investigação-Ação em desenvolvimento no âmbito do Protocolo de Cooperação celebrado entre a Fundação Educação e Desenvolvimento da Guiné-Bissau e a Universidade de Aveiro, em 2003, e enquadrado no Departamento de Ciências da Educação e na Unidade de Investigação Construção do Conhecimento Pedagógico nos Sistemas de Formação – Linha de Investigação Educação de Infância.

Apesar de vários esforços feitos ao longo dos anos após a independência, a Guiné-Bissau não conseguiu definir, ainda, uma política para a Educação de Infância. Esta tem-se limitado a uma educação pré-escolar essencialmente urbana e muito selectiva, desperdiçando a mais-valia da Educação de Infância no contributo para a melhoria das condições de vida das crianças em vários aspectos, desde a educação propriamente dita até à saúde, nutrição e protecção em geral.

De acordo com os dados projectados pelo GEP com o apoio da equipa técnica da missão do Banco Mundial, em 1999, num universo de 306.607 crianças com a idade compreendida entre 0-6 anos, apenas 4.159 crianças de 3-6 anos tinham acesso à educação pré-escolar o que correspondia a uma taxa de 2,3 %.

Em termos de infra-estruturas para acolhimento, dados estatísticos fornecidos pela mesma fonte revelam a existência de 55 centros de educação pré-escolar distribuídos de forma desigual por diferentes regiões do país. Só em Bissau existiam 32 desses centros.

Em termos de recursos humanos, o sector apresentava profundas carências. Dos 231 educadores e animadores, em exercício, apenas 43 (18.6%) possuíam qualificação pedagógica minimamente adequada.

Hoje, no entanto, devido ao aumento significativo desses centros, calcula-se que a percentagem de crianças beneficiárias tenha aumentado para 6,5%, contando com os jardins comunitários de apoio às crianças. Das poucas crianças que conseguem frequentar uma instituição pré-escolar, a maioria é oriunda de famílias urbanas, um pouco mais escolarizadas e com um pouco mais de poder económico. Essas crianças adquirem em geral um melhor domínio do português, facto que as coloca em situação de vantagem, à entrada escolar, face à grande maioria sem esse privilégio.

O aumento significativo de centros de infância não foi, contudo, acompanhado de uma melhoria dos serviços. Faltam princípios e fundamentos educativos, orientações curriculares, espaços, equipamentos e materiais pedagógicos de qualidade, formação e supervisão. Esta situação vem provocando uma multiplicidade e diversificação de intervenções, na sua maioria inadequadas, grassando o desalento e a frustração na comunidade educativa.

De entre os objectivos da Fundação para a Educação e Desenvolvimento da Guiné-Bissau destacam-se a melhoria da qualidade da educação de crianças e a formação de recursos humanos para a educação. Nesse sentido, o protocolo estabelecido com a Universidade de Aveiro, visa o desenvolvimento de parcerias e acções nos domínios da educação de infância e ensino básico (1º ciclo) que concorram para esses objectivos.

Da realidade guineense... à definição de objectivos

No que respeita à Educação de Infância, contactos iniciais com a realidade educativa guineense permitiram a consciencialização *in loco* das principais questões e dificuldades, bem como dos recursos ou “forças” existentes.

Encontraram-se profissionais abertos, interessados em confrontar ideias, esclarecer dúvidas, melhorar e inovar as suas práticas de educação, simpáticos e acolhedores no contacto com os visitantes; atentos, calmos e afáveis na interacção com as crianças e preocupados em compreender e atender às necessidades e dificuldades das crianças e suas famílias (que, em geral, expressam uma imagem positiva relativamente ao valor da educação de infância).

A exposição e valorização dos trabalhos das crianças são significativas havendo uma forte preocupação com a educação da cortesia, conhecimento e respeito pelas regras da vida em comum bem como na preparação da criança para as aprendizagens de leitura e escrita. Nalguns jardins de infância encontram-se planificações semanais / mensais por sala ou por instituição, verificando-se algumas práticas de reuniões entre profissionais para planeamento e avaliação das actividades. Apesar de algumas reuniões para pensar a acção no jardim de infância, muitas práticas e rotinas estão instaladas por hábito, não parecendo haver reflexão e argumentação para a sua manutenção. Verifica-se predominância de actividades dirigidas em função do grande grupo, apelando sobretudo à reprodução, à repetição em coro e à uniformização das expressões, não se observando incentivo à iniciativa da criança quer na escolha de actividades, quer na discussão de ideias, quer ainda na resolução de problemas ou de conflitos interpessoais. O grau de

passividade e atitudes de “espera” por parte das crianças em contexto de sala de jardim de infância é grande. O leque de actividades disponíveis é reduzido sendo sobrevalorizadas aprendizagens “escolares” e menos valorizadas as actividades lúdicas (brincar) e actividades de descoberta e de expressão; aparentemente a cultura africana é desconsiderada pois as cantigas, brinquedos, histórias, imagens ou figuras decorativas,... são importadas de outras culturas.

Um problema sério é o que se reporta às dificuldades de comunicação em língua portuguesa por parte das crianças e de muitos profissionais, o que dificulta o desenvolvimento da expressão oral, do pensamento e do raciocínio (aspecto particularmente importante considerando que a escolaridade obrigatória adopta o português como língua oficial e que as estruturas básicas de pensamento se começam a organizar precocemente).

Por outro lado, apesar de alguns jardins de infância disporem de boas infra-estruturas (edifício, salas, recreio, hortas e jardins, ...) muitos jardins de infância (a maior parte) dispõem de salas pequenas, com insuficiente iluminação e demasiado ocupadas com mesas e cadeiras, o espaço para movimentações mais amplas sendo extremamente dificultado e verificando-se a permanência das crianças em posição “sentadas à mesa” durante períodos demasiado longos, gerando-se baixa implicação e mal-estar. A maior parte dos materiais são muito escassos, pouco diversificados, em deficiente estado de conservação e inacessíveis às crianças (por vezes, os materiais mantêm-se empacotados, em armários fechados ou em prateleiras altas). Contudo, parece haver, em muitos casos, possibilidade de diversificação e ampliação dos espaços educativos pela utilização dos espaços e recursos naturais exteriores (recreio, hortas, jardim, exploração de materiais e recursos naturais, visitas,...). Salienta-se ainda a aproximação e convívio natural que ocorre no jardim de infância, entre as crianças e diferentes profissionais e respectivas actividades (cozinheira, costureira, agricultores...) amplificando as experiências de vida das crianças. Aliás, nalguns contextos, o número de adultos por sala é muito adequado, considerando o número de crianças e a faixa etária.

Com esta situação presente, tem-se procurado desenvolver o projecto de investigação-acção “Melhorar a Educação de Infância na Guiné-Bissau”, onde se destacam quatro importantes objectivos a realizar, em parceria com elementos da Fundação e educadores guineenses: (1) apoiar a elaboração de orientações curriculares para a educação pré-escolar e conceber uma estratégia pedagógica de implementação no terreno dessas orientações, num processo reflexivo contínuo, (2) criar um grupo de supervisores educacionais locais para acompanhar e apoiar o processo de implementação, (3) avaliar o impacto ou efeitos do programa no terreno, nos diversos níveis da intervenção (crianças, educadores e supervisores) (4) lançando bases sustentadas para a constituição de uma dinâmica e estrutura de funcionamento capaz de continuar para além do próprio projecto que a cria.

Já há alguns anos que a Educação Experiencial tem sido o modelo norteador da formação dos educadores de infância na Universidade de Aveiro, no que respeita à prática pedagógica. Esta opção acontece por se considerar que o valor e interesse da abordagem experiencial, em diversos contextos educativos europeus, na prossecução de práticas educativas inclusivas de elevada qualidade, têm sido sobejamente comprovados. Acontece ainda porque a equipa da prática pedagógica da Licenciatura em Educação de Infância se identifica e genuinamente acredita nos seus pressupostos e conceitos organizadores.

Mas, até que ponto os seus pressupostos e conceitos de qualidade são pertinentes e culturalmente adequados à realidade africana? De que forma ou até que ponto é possível enquadrar uma prática de educação de infância na Guiné-Bissau segundo esta abordagem pedagógica? Acreditando que os indicadores processuais de qualidade (bem-estar emocional e implicação) propostos neste modelo experiencial são universais, ainda que se possam revestir de formas de expressão culturalmente determinadas, baseamos a intervenção nesta linha de pensamento.

Pensamos, naturalmente, que as formas práticas de promover níveis de bem-estar emocional e de implicação / desenvolvimento das crianças pressupõe estratégias que só poderão ser concebidas tendo em consideração a realidade, os interesses, necessidades e possibilidades locais. A organização do ambiente educativo, ainda que possa ser enquadrada pela abordagem experiencial, deverá necessariamente ser pensada em função das particularidades sociais e culturais.

Da definição de objectivos... à implementação do projecto

O desenvolvimento deste projecto iniciou-se em Janeiro de 2004, com um grupo de 35 formandos/educadores, através de uma acção de formação inicial dirigida para a concepção de orientações curriculares gerais e abrangentes, não prescritivas, que incluam a possibilidade de fundamentar diversas opções educativas e para uma abordagem experiencial da educação de infância focalizada no enriquecimento do meio, na comunicação empática e na livre iniciativa da criança.

A introdução de conceitos e instrumentos que operacionalizam a intervenção pressupõe a sua adaptação e ilustração em função do contexto educativo guineense, no sentido de os tornar acessíveis, válidos e generalizáveis a um grupo mais vasto de educadores. Neste processo, tem-se afigurado fundamental o estabelecimento de relações equitativas entre todos os intervenientes de modo a que cada um se sinta capaz de exprimir os seus pontos de vista, tornando-se possível a troca e confronto de ideias, processo crucial ao afinar dos conceitos e aperfeiçoamento das práticas e ao estabelecimento de um consenso acerca da importância do quadro conceptual que norteia o programa de intervenção. Só uma identificação e mobilização conjunta de todos os intervenientes no programa de acção garante consistência e coerência na acção.

Do grupo inicial de 35 formandos, identificaram-se os quatro educadores que têm assumido as funções locais de supervisão, sendo desejável que estes venham a realizar uma formação em supervisão, durante quatro semanas, na Universidade de Aveiro, num futuro próximo.

Por outro lado, afigura-se desejável ir assegurando formação complementar, ao longo do desenvolvimento do projecto, em resposta a necessidades e interesses identificados localmente. Neste contexto, e no seguimento da formação de Janeiro, delineou-se e realizou-se, ainda, em Abril de 2004, uma formação complementar sobre trabalho com famílias e comunidades e trabalho em equipa.

A priori parece ser pertinente vir a considerar para os próximos anos lectivos, acções de formação que visem sensibilizar e preparar os educadores para temas como educação multicultural, direitos da criança, ensino precoce do português, abordagem à leitura e escrita, áreas curriculares em educação de infância como ciências e matemática, expressões artísticas e motoras, etc.

Todo este processo pressupõe um forte apoio financeiro, sem o qual será difícil prosseguir com o projecto, associado a um acompanhamento e supervisão do trabalho realizado nas diferentes equipas, por parte de investigadores-formadores ligados à Universidade de Aveiro, ao longo de diferentes momentos, incluindo, no mínimo, dois a três encontros anuais na Guiné.

Na prossecução desta ideia e na sequência da formação inicial e paralelamente à formação de Abril, foram sendo realizadas reuniões, quer com o conjunto dos supervisores, quer com as respectivas equipas, bem como visitas e observações em jardins-de-infância, com vista a perceber e acompanhar *in loco* a dinâmica de inovação em curso.

Neste âmbito, prepararam-se instrumentos de registo (ex. sistema de acompanhamento das crianças), que apoiem os educadores nas suas observações e análises periódicas da sala e de cada criança, oferecendo, em simultâneo, aos investigadores-formadores da UA, elementos para monitorização do processo. Efectivamente, o sistema de acompanhamento das crianças, é particularmente útil na sistematização dos dados de avaliação, principalmente no que respeita aos índices de implicação e bem-estar das crianças e às áreas curriculares e de desenvolvimento trabalhadas com as crianças.

A estrutura de supervisão que acompanha e apoia os educadores do terreno procura assegurar o desenvolvimento contínuo de um processo de reflexão e avaliação sobre o impacto e significado da intervenção, quer para os educadores, quer para as crianças, quer para os supervisores e outros elementos da comunidade que eventualmente venham a ser envolvidos e abrangidos pelas acções.

Em síntese, a intervenção realiza-se em diferentes jardins-de-infância, procurando os supervisores e educadores reflectir quinzenalmente sobre as práticas, procurando, inicialmente, desenvolver um consenso acerca da importância das orientações curriculares e das variáveis bem-estar emocional e implicação, enquanto indicadores de qualidade; gradualmente, compreender e respeitar os actuais níveis de implicação e bem-estar emocional das crianças, o desenvolvimento de competências, as circunstâncias e as limitações; seleccionar um domínio ou actividade para intervir no sentido de aumentar a qualidade percebida, procurando realizar-se todas as iniciativas que possam tornar a experiência bem sucedida. Paralelamente, pretende-se estimular a comunicação ao nível da equipa, alternando tempos de acção com tempos de reflexão/avaliação, e promover a abertura a outros parceiros educativos disponíveis na comunidade (famílias e outros agentes).

Este Projecto, que teve início em 2003 e se estenderá até 2007, tem já calendarizado um conjunto de acções para a concretização dos seus objectivos, entre as quais se destacam actividades de acompanhamento e de apoio à supervisão por parte de formadores ligados à UA, formações complementares que respondam a necessidades e interesses locais e mobilização de um movimento de apoio e de recolha de materiais e de equipamentos para apetrechamento de jardins de infância da Guiné-Bissau.

Equipa responsável

Universidade de Aveiro

Gabriela Portugal

Ana Paula Avelaira (Mestranda)

Fundação para a Educação e Desenvolvimento da Guiné-Bissau
Alexandre Furtado